

# OS ROMÂNTICOS PATOLÓGICOS: DISCURSOS DE GÊNERO E AMOR MÓRBIDO NA TESE "DA INTOXICAÇÃO PELO AMOR" DE 1908

*Data de aceite: 02/05/2023*

### **Sabrina Araujo de Sousa**

Graduanda na Universidade Estadual de Maringá(UEM), Maringá-PR. membro do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

### **Christian Fausto Moraes dos Santos**

Professor DR. do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR. Coordenador do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

### **Raiza Aparecida da Silva Favaro**

Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá (2022) e Mestranda na Universidade Estadual de Maringá(UEM), Maringá-PR. membro do laboratório de História, Ciências e Meio Ambiente (LHC)

**RESUMO:** O conteúdo acadêmico produzido pelos médicos do século XIX é marcado principalmente pelo foco atribuído ao corpo e a natureza feminina, as dissertações amplamente aceitas no campo científico buscavam comprovar a inferioridade da mulher com base na fisiologia, catalogando seus órgãos reprodutivos e se utilizando da visão higienista para diagnosticar as

mais diversas patologias essencialmente femininas. Inserido neste contexto moralizante, o médico Leopoldo Pires Porto escreveu a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) onde aborda o amor mórbido como uma doença nociva para a sociedade que se manifesta de formas distintas de acordo com o gênero do intoxicado. Por sua estrutura e relevância, a fonte fornece atributos para compreender o discurso médico que embasou a sociedade e implicaram no discurso de gênero reproduzido.

## **INTRODUÇÃO**

As relações entre homens e mulheres tendem, desde a antiguidade, a se delinear em um contexto onde os primeiros são os provedores e as segundas submissas, mesmo que em determinadas épocas específicas a situação possa se inverter, na maioria dos casos as mulheres têm suas funções delimitadas e alinhadas a sua função reprodutiva. Compreender a dinâmica das relações de gênero é um processo longo por implicar no entendimento de como ambos são enxergados socialmente em cada período,

visto que é uma relação contraditória, pois a visão do homem sobre a mulher é volúvel, ora são tratadas com admiração, ora com hostilidade, em determinados momentos são sagradas e logo após tem sua feminilidade profanada (DELUMEAU, 2009.,p.462). O que esses momentos tendem a ter em comum é o frequente objetivo de moldar a mulher de acordo com a vontade masculina.

Na antiguidade a mulher era considerada graciosa por fora e cheia de podridão por dentro, especificamente por causa da sua sexualidade oculta, também sendo responsáveis por introduzir o pecado na terra (DELUMEAU, 2009.,p. 465), já na Idade Média houve a exaltação de Maria, considerada o ideal feminino por conservar sua sexualidade intocada, além de possuir as características desejadas em todas as moças, sendo a dócil serva de Deus que abdicou dos prazeres carnis (op.cit., p.475). A sexualidade feminina, de acordo com a visão medievalista, é um pecado por excelência (DELUMEAU,2009., p.471), o cristianismo, acreditando nessa premissa, contribuiu na criação de um imaginário popular que teme a mulher, suas ações, seu temperamento exagerado e, acima de tudo, seu sistema reprodutor desconhecido que acreditam comandar todo o corpo feminino.

Nos tempos modernos corpo e espírito estavam associados às moléstias que eram tratadas, principalmente, por saberes perpassados socialmente e os resultados eram explicados através das crenças religiosas (BARRETO,2001., p.130). O passar dos anos resultou em diversos avanços na medicina, todavia o corpo feminino e suas funções ainda estavam no campo do desconhecido, os médicos não compreendiam a menstruação, o útero, a gravidez e a genitália das mulheres. Desta forma, quando o conhecimento se via distante e as explicações eram escassas, iniciou-se a era da medicina voltada para a mulher e seus órgãos sexuais.

A interpretação de que o corpo feminino é pecaminoso perpassa a história da mulher e corroborou para a elaboração de uma ciência que a estuda partindo dessa premissa, criada não para compreender, e sim corrigir e controlar (BARRETO,2001. p.130), a patologização da mulher estava diretamente ligada aos valores religiosos e morais (op.cit.p.135), desta forma seria preciso a criação de normas de conduta para domar essa natureza maligna, determinando seu lugar e suas funções. Houve uma reestruturação nas definições das funções do corpo onde a igreja, aliada com a medicina, entraram no ambiente familiar e íntimo para o padre cuidar da alma e o médico, do corpo (PRIORE,1993.p.29). O discurso da época conquistou para os médicos um lugar como conselheiro da família, podendo interferir na organização do lar e alterar a dinâmica na educação, nas relações conjugais e nas funções de cada membro familiar.<sup>1</sup>

Neste contexto, Fabíola Rohden (2001) nos apresenta a chamada ciência da diferença, que ganhou grande destaque na medicina do XIX, e estuda a questão da diferenciação entre os gêneros, onde busca comprovar a superioridade masculina com base em uma anatomia comparada. A autora explica que as doenças femininas, para os

<sup>1</sup> DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. 9. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1980.

médicos, seriam uma expressão da sua natureza, desta forma há um aumento considerável nos tratados com temas que englobam doenças consideradas pertencentes à mulher (ROHDEN, 2001.p.16).

Inserido neste cenário de busca pela diferença dos sexos que ganhou espaço entre os médicos do século XIX, a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) do médico Leopoldo Pires Porto, trata do discurso científico higienista empregado como ferramenta na catalogação e coerção de corpos femininos e os impactos de tais ideologias no âmbito social. Ao apresentar a patologia do amor o autor se utiliza de exemplos específicos de mulheres patologicamente apaixonadas e define tais comportamentos como resultado de sua natureza frágil e influenciável. *Da intoxicação pelo amor* (1908) relaciona o amor mórbido com diferentes temas, fornecendo diversos exemplos de onde ele poderia se apresentar (CADORE,2011), assim, autor irá contribuir com este trabalho como fonte para explicar diversos temas, desde o condicionamento feminino ao lar e suas origens históricas até a construção de uma feminilidade que foi utilizada no século XIX como ferramenta para diagnosticar patologias em mulheres.

A base da medicina do período abordado está na tese de Porto (1908), sendo ela um documento histórico que representa as análises científicas de sua época por meio do amor doente, refletindo nas construções sobre gênero e corpos femininos em um período onde ser mulher significava estar cristalizada as percepções acerca do seu sistema reprodutor, desta forma buscamos com a fonte analisar as relações de gêneros e as políticas médicas e da igreja que atuaram na sociedade do século XIX como agentes coercitivos embasados por ideologias de patologização do corpo feminino e das suas partes reprodutivas por meio de um documento que reproduz o discurso da época em que está inserido, possibilitando a discussão abordada neste trabalho, tratando principalmente dos argumentos utilizados na tese para provar a diferença entre gêneros e a percepção de que a mulher seria o elo mais fraco da discussão, sendo assim mais suscetível a sofrer dos mais diversos males.

## FONTE E MÉTODO

Uma tese é considerada um documento por referenciar o período histórico em que foi escrita<sup>2</sup>, assim, a obra de Leopoldo Pires Porto (1908) é uma fonte para esta pesquisa por representar a produção médica e as ideologias que perpetuaram a época de sua produção, além de contribuir para a compreensão do processo de naturalização das diferenças entre homens e mulheres. *Da intoxicação pelo amor* (1908) foi escrita como trabalho de conclusão de curso na faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde o amor é defendido como uma patologia capaz de enlouquecer ou matar, caso o paciente não

---

2 CADORE, Nathália Boni. **O amor mórbido como moléstia do espírito: Gênero, ciência e a construção do discurso médico no Rio Grande do Sul no início do século XIX a partir da definição do normal e do patológico da tese: “Da intoxicação pelo amor” (1908) de Leopoldo Pires Porto.** 2011. Tese (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

tenha acompanhamento médico adequado. A fonte é dividida em cinco capítulos, além da introdução e algumas críticas sobre a tese que foram publicadas nos jornais da época.

O autor mapeia a patologia por meio de exemplos clínicos de pacientes acometidos pela doença do amor e os compara com vícios como o alcoolismo, demonstrando que a origem dos casos são próximas e devem ambas serem tratadas pela medicina, tratamentos estes mencionados na obra, assim como as causas, sintomas e as consequências que a patologia pode deixar na sociedade, abordando aqui discursos que devem ser utilizados para o estudo de gênero, uma vez que o autor escreve a respeito do papel da mulher e da sua inferioridade perante o marido.

É importante destacar que a ciência da diferença ganhou argumentos na época da Renascença com a volta das dissecações, antes proibidas na Idade Média pela igreja católica. Devido aos estudos envolvendo corpos de ambos os gêneros, os estudiosos chegaram conclusão que a mulher seria uma versão menos perfeita do homem, pois seus órgãos sexuais possuíam versões parecidas, como o clitóris que foi chamado de “pênis feminino”. As imagens produzidas neste período foram fundamentais para a modernidade, mesmo algumas partes íntimas ainda não possuíssem nomenclatura anatômica, elas possibilitaram o desenvolvimento da medicina com base no modelo antigo (LAQUEUR,2001.p.120). Assim, entendemos que a ciência da diferença e seu surgimento, assim como os argumentos que a sustenta, sofrem modificações ao longo do tempo com o surgimento de novas evidências na área da medicina, a teoria defendida por Porto (1908) é fruto das descobertas da Renascença e do que elas implicaram no meio social em consequência de um pensamento patriarcal que englobava a produção científica.<sup>3</sup>

A autora Fabíola Rohden (2001) afirma que “Os cientistas do século XIX acreditavam que a natureza era eminentemente hierárquica e não democrática” (p.26), desta forma há uma explicação para a superioridade masculina defendida pela medicina, posto que ela enfatiza a ideia de que as patologias aparecem principalmente em mulheres devido a própria natureza que possuem, medicalizando assim o comportamento feminino. Esses discursos são frequentes na medicina do período principalmente pelos médicos estarem sempre surpresos com as novas descobertas que fazem a respeito do corpo das mulheres, para eles o útero era capaz de dar origem às coisas mais estranhas e abomináveis (ROHDEN,2001.p.16).

A nova ordem social instaurada no século XIX remete a mudanças em concepções fisiológicas e morais, percebe-se tais mudanças a partir das teses de medicina produzidas no período, tais trabalhos acadêmicos eram elaborados aos montes visto que eram uma exigência para concluir o curso de medicina. Esses trabalhos médicos tinham grande prestígio por serem produzidos nas faculdades de medicina e serem avaliados pela elite científica como o saber oficial do período (ROHDEN,2001.p.96).

Desta forma, o presente trabalho se dedicou a analisar a fonte *Da intoxicação pelo*

---

3 LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2001.

*amor* (1908) neste trabalho partindo do exemplo dado pelo autor das mulheres intoxicadas, principalmente as que desenvolvem a patologia por meio da religião, amando Jesus com o amor doente. No capítulo dois da tese, intitulado “Etiologia da Pathologia”, Leopoldo Pires Porto irá se dedicar às múltiplas causas do amor mórbido, onde destaca o papel da histeria, doença do século XIX com máximas manifestações no que Porto denomina como “sexo fraco”, ou seja, as mulheres. Sendo os histéricos reis dos desequilibrados e conseqüentemente os que estão mais suscetíveis a adquirir uma intoxicação grave pelo amor<sup>4</sup>, é possível compreender a cautela do autor ao identificar a mulher doente e separar seus sintomas, mesmo sendo acometidos pela mesma doença, do sexo masculino.

Após o exposto, é preciso compreender, antes da análise dos exemplos na fonte, a construções de alguns ideais médicos do século XIX, buscando a origem de diversos conceitos que permeiam os discursos higienistas e contribuem para a criação de uma ciência da diferença.

## O BERÇO DA REPRESSÃO FEMININA

Os corpos femininos sofrem no século XIX com a chamada moral médico-clerical<sup>5</sup>, onde as principais instituições da época, a igreja e a ciência, eram as responsáveis pela criação das normas de conduta e pela definição do papel social de ambos os gêneros. Durante os séculos XVI e XVII houve uma grande movimentação do estado contrária às mulheres e o direito reprodutivo, a frequente vigilância e a persistência em ocupar todos os espaços culminou na entrada de homens em atividades que antes eram essencialmente femininas, como por exemplo a prática de partejar, que até o momento função apenas das parteiras. Após serem marginalizadas essas mulheres parteiras são obrigadas a ceder espaço aos médicos que passariam a controlar também a procriação (FEDERICI, 2017,p.174-178).Essa escravidão feminina quanto a procriação perdurou por séculos e culminou nas políticas higienistas do século XIX.

Assim, é essencial compreender os processos históricos que deu aos homens o controle do corpo da mulher e a instaurou em uma hierarquia desprivilegiada. Métodos coercivos estiveram sempre presente nas sociedades, o que ocorre são mudanças sobre quem os determina, sendo o século XIX o auge da temática na medicina, focando principalmente na moral feminina. Michael Foucault escreve no primeiro volume sobre a história da sexualidade (2011) que a origem da repressão sexual é encontrada no século XVIII, coincidindo diretamente com o desenvolvimento do capitalismo e da ascensão da nova ordem burguesa, uma vez que a força de trabalho estava sendo ainda mais explorada

4 PORTO, Leopoldo Pires. *Da intoxicação pelo amor*. Tese da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Livraria do Globo, 1908.

5 Henrique Carneiro (1995) aborda o conceito afirmando que com o concílio de trento, no século XVI, houve um aumento do autocontrole exercido pela igreja católica sobre a vida cotidiana, assim como a crescente preocupação com a moral e os bons costumes, estes que, de acordo com o autor, se apoiaram na medicina e na criação de argumentos fisiológicos para denominar o amor como, não apenas um pecado, mas uma patologia.

e não seria vantajoso desperdiçar tempo com prazer que não visasse a reprodução (FOUCAULT. 2011. p.11-12), assim, o autor afirma que a repressão do sexo é moderna e que começou com o controle dos discursos sexuais, onde as instituições criaram sua própria visão do que seria o sexo e qual a sua função social. Foucault (2011) salienta que as minuciosas confissões dos atos sexuais e o rigor ao tratar o assunto possibilitou a criação de uma política sexual completamente nova, composta por uma necessidade de regulamentar e corrigir por parte da medicina<sup>6</sup> da época.

Em contrapartida, a autora Silvia Federici (2017) se opõe ao início dessa era de repressão dada por Foucault por acreditar que a inferiorização da mulher é anterior à ascensão burguesa. A instauração da escravização de corpos femininos e seu condensamento as funções reprodutoras remontam, segundo a autora, do século XIV em diante, uma vez que, desde essa época a igreja já havia percebido o poder que o sexo feminino poderia exercer sobre o homem e tratou de torná-lo pecaminoso distribuindo manuais com normas de conduta para mulheres, contribuindo para a formação de uma política sexual que privilegia o homem (FEDERICI,2017.p.80-81), sendo tais percepções continuadas pelo capitalismo, que contribuiu para a criação da escravidão corpo feminino.

Durante o século XIX a dona de casa toma forma como a mulher que pertence ao ambiente doméstico, espaço determinado por meio dessas muitas mudanças históricas que ocorreram e deixaram como herança a inferiorização feminina perante o gênero masculino, construindo também a mentalidade médica que ascende e permeia a sociedade com teses e dissertações com foco na natureza patológica da mulher.

A medicina do período em que a tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) foi escrita buscou dar conotação moral a todas as partes femininas, as diversas interpretações sobre o seio, por exemplo, demonstram a cristalização da mulher como dona de casa, pois utilizado na amamentação o seio seria a definição entre a vida e a morte do recém-nascido, mas se demonstrados de qualquer outra maneira seriam vistos de forma erotizada<sup>7</sup>. Tais concepções contribuíram para a cristalização da mulher no ambiente doméstico, onde foram obrigadas, por concepções sociais, religiosas e políticas a assumir a reprodução como um trabalho.

## A IDEALIZAÇÃO DO FEMININO

Encontramos o ideal de feminilidade como instrumento coercitivo no século XIX, sendo disseminado pelos veículos de comunicação, na literatura, nos manuais de comportamento e ideais de moral, a idealização da mulher perfeita. Contribuindo para a análise do pensamento médico, precisamos compreender esses parâmetros que foram impostos às mulheres e seu impacto social na época, uma vez que a fuga de tais condutas

6 A medicina dos séculos XVIII e XIX foi responsável pela criação de toda uma rede de patologias ligadas à sexualidade, tanto mentais quanto fisiológicas. (FOUCAULT, 2011. p.48)

7 YALOM, Marilyn. **História do seio**. Lisboa: Teorema, 1998.

seriam utilizadas como argumentos pela ciência para a patologização dos corpos femininos. Assim como a anatomia das mulheres, o comportamento serviu como fonte na busca pela comprovação médica da diferença entre os gêneros.

Anteriormente, diversos autores também se dedicaram à descrição da mulher perfeita, dentre eles Jacques Rousseau, que foi um dos primeiros médicos iluministas a defender as especificidades naturais da mulher. Em sua obra “Emílio ou da educação” (1762) quando descreve Emílio, o homem perfeito, e Sofia, a mulher ideal, a questão da feminilidade de Sofia é posta como regras de conduta que ela, e todas as outras mulheres, devem seguir para agradar seu marido e cumprir seu papel natural de mulher, uma vez que para Rousseau “A mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta” (p.424), afirma também que “Sofia deve ser mulher como Emílio é homem” (p.423). A obra foi modelo para projetos de idealização feminina durante a Revolução Francesa (1789) e reverberou nos discursos de gênero que se seguiram.

Rousseau (1762) trata não apenas de conceitos da natureza feminina e masculina, mas também da educação e das ações que devem ser feitas para atingir esses ideais, partindo do exemplo de Emílio e Sofia, no século XIX isso será feito pela medicina por meio de teses, manuais e dissertações.

As teses e dissertações médicas instigaram diversas temáticas sociais como a educação sexual dos indivíduos e temas como o amor e a higiene no casamento eram pautas presentes nos debates científicos<sup>8</sup>. Os médicos do século XIX detinham o acesso à construção da personalidade feminina, pois eram enxergados socialmente como representantes do saber científico e instrutores dos costumes (MARTINS, 2004.p.15). Assim, ao visitarem a vida íntima das famílias, os médicos desenvolvem o que Ana Paula V. Martins intitula de “pastoral moderna”, que são as normas e práticas destinadas à família e especialmente para as mulheres. É a solidificação da mulher como ser social condicionado ao lar com base na sua natureza objetificada (op.cit., p.15). A ancoragem histórica da mulher ao corpo foi feita por homens e a idealização comportamental reforça grandemente essa perspectiva.

Assim, evidencia-se a preocupação médica de fornecer argumentos para a construção da mulher doméstica, naturalizando discursos e perpetuando o condicionamento feminino a funções distintas das dos homens. A sexualização do corpo feminino ocorre em um processo que Michael Foucault chama de histerização da mulher, explicado pelo autor como um:

“Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em

---

8 MARTINS, APV. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4.

comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização." (FOUCAULT, 2011.p.115).

Baseando-se em tais construções, a autora Elisabeth Badinter descreve a construção da mãe e da esposa, afirmando que a autoridade do marido foi concedida pelas instituições dominantes, ressaltando o papel da igreja e desmistificando as ideologias do amor materno como característica natural feminina (BADINTER,1980.p.25). A mulher, de acordo com a autora, precisava possuir um papel na sociedade e este deveria ser inferior ao do homem, já que ele seria o único chefe do lar e provedor da família, era essa a concepção iluminada pelo farol ideológico da época.

A abordagem do século XIX é vista de forma ampla na tese de Leopoldo Pires Porto (1908), pois o autor corrobora com as políticas higienistas que corrigem os comportamentos femininos nocivos e impróprios. Porto comenta sobre a preocupação de leituras ruins que iludem as moças de mente frágil e as induz na crença de um amor fantasioso, inibindo os instintos naturais da mulher e as fazendo devanear com histórias viciosas e doentias. A fiscalização médica, assim como a educação correta, é essencial na proteção contra o amor mórbido, tais comportamentos garantem a moralidade feminina e o cumprimento de suas funções como mãe, esposa e mulher dedicada ao lar e aos filhos.

Desta forma, precisamos analisar o discurso médico que era destinados a todas as mulheres que não se encaixam no ideal de feminilidade, sendo ele baseado na patologização feminina, catalogando algumas, das muitas, doenças de todas que possuíram útero.

## **O AMOR MÓRBIDO NAS DOENTES APAIXONADAS**

O amor mórbido, de acordo com Leopoldo Pires Porto (1908) atinge em sua maioria os homens, sendo eles acometidos pela doença por diversos fatores não relacionados ao seu corpo, diferentemente das mulheres doentes descritas por Porto, que são tachadas de histéricas. As doenças femininas como a histeria, os vapores, neurastenia e os frequentes sintomas do útero errante ganharam destaque nos séculos XVIII e XIX, patologias onde a maioria dos sintomas se concentravam no comportamento da mulher, na medida que qualquer uma que fugisse das responsabilidades pré-dispostas socialmente seria acusada de possuir algum distúrbio.

A neurastenia surge no período sob o conceito de "fraqueza nervosa" com o neurologista George Miller Beard, e tem os sintomas variados, como perturbações sexuais e neurológicas, medos mórbidos, zumbidos no ouvido, dentre outras. O tratamento original feito por Beard consistia em ações tonificantes com efeito no sistema nervoso, sendo ele o principal afetado pela doença, ficando enfraquecido e perdendo algumas de suas



funções<sup>9</sup>. O termo cruzou os mares e se tornou uma das doenças mais estudadas entre os neurologistas, partiu dos Estados Unidos até a Europa (ZORZANELLI, 2010.p.440) e foi comentada no Brasil durante o século XIX como uma doença que causa cansaço em mulheres e perturba sua natureza, chamando a atenção dos médicos da época para tal patologia.

Assim como a neurastenia, outras doenças femininas eram apontadas nos tratados médicos, abordando uma verdadeira exaltação da ciência e o empenho na patologização da mulher. É durante o iluminismo que a natureza feminina é condicionada ao útero, no século XVIII as doenças uterinas abrem caminho e se instauram no meio do discurso médico, a ninfomania foi uma das primeiras, segundo a autora Ana Paulo Vosne Martins (2004) as discussões médicas que abordaram a ninfomania contribuíram para construção do corpo feminino como algo patológico durante o século XIX. Esses processos de patologização nada são que um mecanismo de controle feminino, atribuindo doenças físicas a manifestações mentais, assim como Leopoldo Pires Porto (1908) que medicaliza os sentimentos do amor e da paixão, explicando-os como verdadeiros vícios.

Em *Da intoxicação pelo amor* (1908), as doenças atingem homens e mulheres de formas diferentes, o autor está inserido nesse período de inferiorização feminina pela medicina e contribui com o discurso ao descrever as diferenças do amor doente nos gêneros. É válido apontar que na fonte desta pesquisa, os homens são vítimas de uma patologia sentimental que se desenvolve e passa atingir o corpo, levando-o a cometer atos perigosos para si mesmo. Um dos principais sintomas do amor patológico é o ciúme, descrito por Leopoldo Pires Porto (1908) como “Uma complicação frequentíssima da paixão, de consequências a miude funestas” (p.97).

Enquanto o homem ama com um amor doente que é uma consequência da sua hereditariedade, a mulher será temida pela sociedade durante os dois períodos mais importantes do seu sistema reprodutivo: a puberdade e a menopausa. Pires Porto descreve a menopausa como um período turbulento, pois:

“E demais, nesse momento, a mulher contempla, amargura, o dispersar das bellezas do seu corpo; vê, impressionada, fugir-lhe a seiva que lhe dava razão de ser da sua vida sexual. Afflicta, reconhece-se incapaz de inspirar amor, comtudo, ella ainda quizerá amar... Pela satisfação desse desejo externo e insensato, comete os actos mais vergonhosos (...)” (PORTO, 1908).p.55).

Porto (1908) afirma que as doenças enfraquecem o organismo e como o equilíbrio nervoso das mulheres é mais frágil elas padecem com a expressão de emoções fortes, além da sobrecarga intelectual que as atinge quando se apaixonam, todos esses acontecimentos são danosos a sua saúde e a consequência é a patologia e a loucura.

O autor da tese *Da intoxicação pelo amor* (1908) afirma que assim como os familiares devem estar atentando a educação das filhas, é também função dos médicos vigiar as

---

9 ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Neurastenia. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446.

jovens, visto que sendo o amor uma patologia capaz de se manifestar até pelas orações:

“Ainda na infância, ou quando mal vêm despontando os primeiros clarões da adolescência, já nos obrigam às ladainhas incompreensíveis, dogmas impenetráveis, absurdos, e- o que mais é- dão-nos a meditar livros de rezas, em cujas paginas se descreve sempre, em inflammada linguagem de paixão, contagiosa e excitante, o mais platonico de todos os amores” (PORTO,1908.p.57)

Assim o autor descreve acerca do amor religioso, que a partir da leitura de orações prontas a inocência das jovens e o afloramento da puberdade resulta em um amor sexual por Deus. Porto transcreve algumas das orações que compõem o livro religioso que todas as moças levam ao ir na missa e recitam antes de dormir, sendo uma delas :

“Eia pois, alma minha, é chegada a hora feliz na qual o teu Jesus ha-de entrar no teu pobre coração. Eis aqui o Rei do céu, o teu Redemptor, e Deus que já em a ti. Dispõe-te a recebel-o com amor. Chama por elle com efficaz desejo. Vinde, ó Jesus meu, vinde a minha alma, que muito vos deseja. Primeiro que vos deis a mim, Senhor, que eu dar-te toda a vós. Vinde. meu Deus, depressa e não tardeis, unico e infinito bem meu, meu thesouro, minha vida, meu paraizo, meu amor, meu tudo!” (PORTO,1908.p.57)

As práticas religiosas são vistas pelo autor como o início de uma paixão mórbida feminina, que ao recitarem tais palavras afetuosas a Jesus são levadas ao amor e excitação sexual, deturpando a moral social e religiosa. As orações são acusadas de possuírem a mesma conotação de uma carta escrita a um amante, e da ação de rezar ao ato reprodutivo “só falta Jesus corporificado”. “E se taes religiosas attingem, em sonho, ao orgasmo venereo, não é de admirar” (PORTO,1908.p.60).Nos conventos, entre as freiras, o amor patológico também se apresenta e sob a perspectiva de uma devoção religiosa se encontra o amor patológico.

O esclarecimento do que seria o amor mórbido feito por Leopoldo Pires Porto (1908) no geral se condiciona em uma doença que atinge o corpo e a alma, enfraquecendo os nervos e causando a perda da razão, mas ao abordar a doença de formas específicas é possível enxergar a diferenciação entre os gêneros nas manifestações e consequências, uma vez que o homem apaixonado direciona seus afetos a uma mulher, enquanto a mulher encontra o amor patológico em Jesus, amando de forma pecaminosa a Deus.

No caso dos homens, a doença inicialmente se manifesta construindo um esboço imaginário da pessoa amada, que de acordo com o autor pode ter características variadas de acordo com o intoxicado. A idealização do amor é sucedida pela busca dessa figura ideal criada pelo infectado, até que efetivamente se encontrem e a partir disso o indivíduo já está completamente tomado pela doença, progredindo rapidamente para a obsessão.

Os exemplos expostos na fonte demonstram o amor patológico masculino em todos os seus estágios e com alguns dos sintomas mais frequentes. Os mais simples gestos do amante poderia causar o desequilíbrio do doente, visto que ele já não é mais o mesmo ser racional e consciente de antes, vive apenas para sanar sua patologia.

A tese é construída com o diagnóstico completo da patologia do amor, abordando o início e a possível cura, no capítulo IV Leopoldo Pires Porto descreve os tratamentos, com foco principal na cura dos homens, visto que a manifestação da doença diverge entre os gêneros. O primeiro passo em direção a cura seria procurar um médico que deveria instruí-lo ao afastamento súbito da amada, já que o doente, de acordo com o autor, estaria em um nível elevado de dominação pela mulher, tal como dependentes do álcool de morfina (PORTO,1908.p.108-109). A mulher é descrita como a ruína do homem e deve ser vista como tal pelo intoxicado.

Porto defende a higienização no casamento para impedir a “reprodução dos degenerados” e se isso não for possível, a educação deve prevenir as tendências hereditárias a patologia (PORTO,1908.p.131). Para as moças o tratamento deve ser feito na puberdade, momento que elas estão despertando para as perversões sexuais. Devem fazer exercícios moderados, evitando excessos, passar bastante tempo ao ar livre, sempre levantar cedo e evitar vícios como o álcool e o fumo. O autor sugere que “fará bem em abster-se das apaixonadas questões políticas (...) toda a vida do predisposto deverá correr debaixo dos preceitos da hygiene do corpo e da hygiene da alma(...)” (PORTO,1908.p.141-140), reforçando assim a concepção de um “sexo frágil” e da importancia do controle médico perante a sociedade.

## CONCLUSÃO

Diante do que foi analisado a respeito da diferenciação da intoxicação em homens e mulheres, podemos entender que amor patológico é uma alienação mental, e de acordo com Porto “ as paixões são tanto mais graves quanto mais degenerado é o terreno em que se desenvolverem” (PORTO,1908.p.126), assim, o homem vítima da intoxicação pelo amor deve compreender que a origem da doença está em seus antepassados e no nível de doenças patológicas que possuíam, passadas a ele pela hereditariedade, enquanto as mulheres deve atribuir a culpa ao nível de fragilidade do seu sistema nervoso.

Desta forma, partindo do amor patológico e suas manifestações, compreendemos que o amor mórbido tem sua gênese no sistema nervoso, pois é um estado mental deturpado que prioriza as vontades e ignora a razão, sendo assim causado com mais frequência no sexo masculino. A mulher é vítima da patologia por ter nervos frágeis, além de todas as concepções acerca de suas capacidades mentais, mas a doença age de maneiras diferentes nos dois gêneros, seguindo o pensamento da época, por que a maioria das doenças que atingem as mulheres são, para os médico do XIX, são originadas nas suas partes reprodutivas e sexuais.

A título de conclusão, evidenciamos os impactos do trabalho de Pires Porto na comunidade científica do século XIX, citando algumas das críticas feitas após a apresentação da tese e que foram anexadas ao trabalho de Porto.

A Federação de Porto Alegre comenta:

“A dissertação versava sobre a *Intoxicação pelo amor*, e foi elogiada unanimemente por todos os lente, e considerada por um d’elles como a melhor que tem sido apresentada na faculdade desta capital. Tratando de assumpto de actualidade e que envolve problema de educação social e, ao mesmo tempo, de responsabilidade criminal, a these do dr. Leopoldo Pires Porto é considerada pelos competentes um trabalho de merito e digno de apreciação publica”

(CRÍTICAS DA FONTE, 1908. p.2).

Assim como o Jornal de S. Gabriel que a exalta: “Dentre as theses que enriqueceram a nossa literatura médica, figura, pela sua originalidade e seu alto criterio scientifico, a defendida, (...) pelo dr. Leopoldo Pires Porto(...)” (p.8).

Estas críticas , dentre muitas outras do período, concordam com a patologização do amor e afirmam que a tese de Porto é de grande valor para a ciência médica. *Da intoxicação pelo amor* (1908) remete ao período em que foi escrita, a construção da feminilidade é um processo histórico que se alia ao desenvolvimento da medicina do século XIX, época em que o autor da fonte produziu seu trabalho. Demonstra-se então, a partir do exposto nesta pesquisa, que a intoxicação pelo amor e suas diferentes fases, é fonte para a análise de gênero dentro da ciência, uma vez que Leopoldo Pires Porto (1908) diferencia os sexos diante da patologia, aborda as diferentes formas de tratamento em ambos e produz um material médico, influente na sociedade

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Renilda. O corpo da mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. **História: Questões e Debates**, Curitiba, ed. 34, p. 127-156, 2001.

CADORE, Nathália Boni. **O amor mórbido como moléstia do espírito: Gênero, ciência e a construção do discurso médico no Rio Grande do Sul no início do século XIX a partir da definição do normal e do patológico da tese: “Da intoxicação pelo amor” (1908) de Leopoldo Pires Porto**. 2011. Tese (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CARNEIRO, Henrique. **Amor, sexo e moral médico-clerical na época moderna**. Revista de História 132, São Paulo, 1995.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente 1300-1800**. [S. l.]: Companhia de bolso, 2009.

DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. 9. ed. Rio de Janeiro: [ s. n.], 1980.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. [S. l.]: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2001.

MARTINS, APV. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4.

PORTO, Leopoldo Pires. **Da intoxicação pelo amor**. Tese da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Livraria do Globo, 1908.

PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ROHDEN, Fabíola. **Ginecologia, gêneros e sexualidade na ciência do século XIX**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, junho de 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Emílio; ou, Da educação. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Brasil. ed.3. 1995.

VIANA, Milena de Barros. **Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: da “angstneurose” ao DSM-IV**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade federal de São Carlos (UFScar), [S. l.], 2010.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. **Neurastenia**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 431-446, 2010.